

Para S&P, melhora de conceito não precisa esperar as eleições

Diretor da agência lembra que País é uma democracia e a votação não impede mudança

PRAGA – “A elevação do rating soberano do Brasil pela Standard & Poor's não necessariamente terá de esperar até as próximas eleições presidenciais em 2002”, disse ontem o diretor da S&P, David Beers. Ele afirmou que a perspectiva positiva conferida pela agência de classificação de risco em fevereiro deste ano para o rating do Brasil indica que “há possibilidade de upgrade dentro de três anos”.

Segundo Beers, a S&P “não necessariamente esperaria até a próxima eleição” para promover o rating do Brasil. “Quando nós mudamos a perspectiva para positiva, indicamos que, na nossa opinião, o rating poderia ser elevado”, afirmou Beers. “Olhando para as políticas, o Brasil tem melhorado, há um progresso e nós não estamos pressupondo, olhando para as próximas eleições, que estas políticas mudarão radicalmente.” Beers confirmou que interessa à agência o que os partidos e candidatos propõem, “mas o Brasil é uma democracia e certamente as eleições não são uma razão para que nós não elevemos o rating do País”. Ele disse que desde fevereiro, quando foi modificada a perspectiva de estável para positiva, até agora, “muitas coisas aconteceram e o mesmo vale até a próxima eleição”.

O esclarecimento de Beers

foi dado diante das duras reações do Banco Central e dos meios políticos brasileiros a uma declaração de seu colega John Chambers, ao *Estado*, na terça-feira, indicando que a disputa presidencial é uma das considerações que pesam na decisão de reclassificação do risco de crédito da dívida pública. Chambers, que é o diretor de risco soberano especializado em América Latina, afirmou que uma das razões da demora numa reclassificação, esperada desde o início do ano, quando a empresa anunciou uma revisão positiva, é a posição de liderança que dois candidatos potenciais da oposição à Presidência “com posições muito heterodoxas de política econômica” – Luiz Inácio Lula da Silva e Ciro

Gomes – ocupam nas pesquisas. “Para uma promoção da classificação, você tem de determinar que eles não ganharão ou que suas políticas convergirão para uma linha mais ortodoxa”,

disse Chambers. Ele não falou em “esperar dois anos”, e a S&P não precisa aguardar tanto tempo para chegar a uma conclusão que considere parte dos critérios para melhorar a classificação do risco Brasil.

Em Londres, o presidente do Banco Central, Armínio Fraga, disse que foi contatado pela S&P, que explicou sua posição sobre a sucessão presidencial e seu impacto em uma possível melhora do rating do Brasil. “Eles me procuraram e deixaram claro que estão acompanhando a situação no Brasil e acho que houve um mal-entendido”, disse Fraga. (AE)

A GÊNCIA VÊ
BAIXO RISCO
DE MUDANÇA
RADICAL